



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14007 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

TEORIA EXPERIENCIAL E ANDRAGOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS:
IMPACTOS DA RECONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PERCEPÇÃO DOS
DISCENTES

Maria da Glória Carvalho Moura - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

Djanira do Espírito Santo Lopes Cunha - UFPI - Universidade Federal do Piauí

**TEORIA EXPERIENCIAL E ANDRAGOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: IMPACTOS DA RECONSTRUÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NA
PERCEPÇÃO DOS DISCENTES**

Resumo

Este trabalho apresenta dados de pesquisa qualitativa sobre a prática pedagógica no contexto formativo da Educação de Jovens e Adultos, em articulação com a Andragogia e Teoria Experiencial. Pretende-se analisar a prática pedagógica tendo como referência as necessidades formativas do professor e dificuldades de aprendizagem dos jovens e adultos estudantes, aqui representadas na voz dos mesmos. Trata-se de uma pesquisa-ação colaborativa, fundamentada nos pressupostos teóricos de Desgagné (2007), Thiollent (2011). O corpus desta investigação é constituído por dados a partir de questionário, entrevista e encontros formativos, realizados com professores que atuam na modalidade de EJA, organizados em eixos temáticos e interpretados à luz da técnica da Análise de Discurso, a partir das concepções de Bardin (2009), Pêcheux (2008). Fundamenta-se nas formulações teórico-conceituais de Knowles (2009), DeAquino (2007); Kolb (2014), Freire (1987), entre outros. Os resultados apontam para a reflexão da prática pedagógica visando à qualidade do ensino oferecido as pessoas jovens e adultas, como um diferencial para o redimensionamento dessas práticas no âmbito escolar.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Teoria Experiencial, Andragogia, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a educação assume dimensões complexas, tendo em vista o seu papel integrador de diferenças e complexidades existentes na sociedade, onde o sujeito está paulatinamente em mais lugares, muitas vezes virtualmente, necessitando interagir com o outro e com a diversidade.

Nesse panorama e a partir do pressuposto de educação ao longo da vida, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode contribuir para a construção da cidadania, na medida em que oferece elementos norteadores da prática pedagógica, considerando o tipo de estudante, a formação necessária aos professores que atuarão nessa modalidade de ensino, bem como as possibilidades de conteúdo e orientações didáticas.

Desse modo, é pertinente considerar a atuação do professor como fator diferencial na qualidade de ensino ofertado na modalidade de EJA. Logo, destaca-se a necessidade de aperfeiçoar sua prática em relação ao trabalho realizado no espaço escolar.

Para tanto, Knowles, (2009, p. 66), nos aponta a andragogia como “a arte e a ciência de auxiliar adultos a aprenderem.” Então, o aprendiz adulto é considerado um indivíduo capaz de autogerir-se, com base em sua vasta experiência de vida. A Teoria Experiencial de Kolb pressupõe que “a aprendizagem de adultos seria mais eficaz (isto é, processada com mais profundidade) sempre que o objeto da aprendizagem fosse mais direto e profundamente vivenciado do que quando ele fosse simplesmente recebido de maneira passiva” (DE AQUINO, 2007, p. 26).

Assim, a Andragogia e a Teoria Experiencial de Kolb compõem as fontes basilares dessa pesquisa, por agregarem estudos específicos sobre a aprendizagem do adulto e do jovem estudante. Espera-se que, por meio da intervenção pedagógica, compreenda-se que os desafios do ensinar e do aprender podem ser enfrentados, desde que tenham como ponto de partida a necessidade formativa do professor e as dificuldades de aprendizagem dos estudantes.

Por sua vez, a prática pedagógica assume um lugar de aprendizagem e de construção de conhecimento prático, espaço real de observação, análise, atuação e reflexão, estabelecendo um diálogo com o cenário da escola.

Para tanto, é apropriado atentar para elementos como a diversidade de contexto e de sujeitos que, nesse caso, é composta por jovens, adultos e idosos, cujo acesso a educação ultrapassa as barreiras da garantia de direitos e promove o “[...] empoderamento pessoal, social, econômico e político, bem como para que exerçam e ampliem seus direitos” (CAPUCHO, 2012, p. 64).

O professor que atua na EJA depara-se em seu cotidiano profissional com alunos que

ficaram “[...] durante muito tempo sonhando com o momento de retornar à escola, alimentando o desejo e as expectativas de concluir algo que teve início na infância ou nem chegou a começar por falta de oportunidades” (MOURA, 2007, p. 57). Esse retorno demanda um trabalho de conquista, respeito, observação, encantamento.

Em função disso, a relevância desse estudo repousa na ação-reflexão-ação, na ótica da *práxis* que, em conformidade com Freire (1987, p. 38), “[...] implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.”

ASPECTOS METODOLÓGICOS

No panorama investigativo, a metodologia assume papel indispensável, na medida em que traça o caminho a ser percorrido e as formas de pensar a realidade e problematizá-la. Partindo disso, decidiu-se envidar uma pesquisa-ação colaborativa, por tratar-se de um estudo interventivo, considerando o objeto proposto, qual seja a reconstrução da prática pedagógica de professores e a aprendizagem de pessoas jovens e adultas.

Atenta-se nesse estudo aos princípios da pesquisa-ação colaborativa como opção metodológica no âmbito da epistemologia qualitativa, para que se contemple a concepção docente como ato reflexivo. Assim, definiram-se cinco pontos básicos para explicitar o percurso metodológico da presente investigação, representado por três Ciclos de Reflexão e Ação que se inter-relacionam, onde cada ciclo inclui os pressupostos da pesquisa-ação; os princípios da pesquisa-colaborativa e o Ciclo Experiencial de Aprendizagem de Kolb (CEAK) e seus estágios(Figura 1).

Em todos os ciclos, deve-se conceber que a aprendizagem é um processo contínuo, que se dá ao longo da vida. Pode ser comparada com movimentos cíclicos em espiral, dada a oportunidade de, após percorrer todos os estágios, retornar ao ponto de partida, a experiência concreta, e ao fazê-lo, vê-se que esta já é apreendida sob outro olhar, pois se trata de um processo evolutivo, de transformação.

A partir do demonstrativo de número de matrículas na EJA no estado do Piauí, define-se como *locus* dessa investigação uma escola estadual com maior representatividade de oferta e atendimento na modalidade de EJA, no município de Teresina.

Dada a natureza dessa investigação, os procedimentos e as técnicas de coleta das informações compreenderam o questionário destinado aos estudantes e professores, entrevista semiestruturada, realizada individualmente com cada professor colaborador, no contexto da escola, de forma a garantir a espontaneidade, considerando o ambiente familiar a sua rotina profissional e intervenções realizadas junto aos professores nos encontros de formação, e destes junto aos jovens e adultos estudantes, no ambiente da sala de aula, com e pelos

professores com base organizacional no CEAK.

Os participantes da pesquisa são os 20 professores que frequentaram a formação continuada voltada para a EJA e 11 discentes. A fim de manter o anonimato dos participantes, os estudantes receberam a denominação de frutos como pseudônimos que os identificam.

Os dados produzidos por meio dos instrumentos de pesquisa constituem o corpus dessa pesquisa e estão organizados em eixos temáticos, conforme o núcleo de sentido identificado. Para Bardin (2009, p. 145), a organização dos dados é feita a partir da “[...] operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos.”

Como possibilidade de interpretação da realidade, optou-se por problematizar a teoria da Análise do Discurso, a qual permite discutir as relações semânticas nas formações discursivas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa sessão, apontam-se os resultados da intervenção pedagógica, com foco na aprendizagem de jovens e adultos estudantes à luz dos dados empíricos produzidos por meio das informações coletadas, com o propósito de compreender e desvincular a prática do professor da EJA como atividade situada e dependente de um contexto social que remetia a uma época onde não se atendiam às aspirações atuais.

Aqui, atina-se para a prática pedagógica do professor da EJA não apenas como um conjunto de tarefas a serem executadas no espaço escolar, mas como estratégias de ensino que substanciam a aprendizagem ao longo da vida de pessoas jovens e adultas.

Desse modo, destaca-se os dados que trazem os registros dos estudantes, realizados durante a ação interventiva, os quais denotam o grau de satisfação, interesse e/ou insegurança revelado pelos jovens e adultos estudantes, legitimando a opção metodológica pela pesquisa ação colaborativa, na perspectiva de (re)construção da prática pedagógica, objeto da presente pesquisa.

Nesse cenário de construção do conhecimento, Knowles (2009, p. 126) alertou para o fato de que além de reconhecer o processo de aprendizagem como orientador e em integração com o desenvolvimento do ensino, o cuidado com os recursos disponíveis deve garantir que “[...] os aprendizes os empreguem de maneira proativa e não reativa.”

A partir desse entendimento, busca-se nos posicionamentos dos estudantes jovens e adultos o grau de satisfação e/ou insegurança sobre a nova metodologia vivenciada em sala de

aula (Quadro 1).

Observa-se que nas falas dos estudantes, a predominância das expressões: *muito boa, gostei muito, diferente, divertida, participativa e criativa*. A ênfase sobre as estratégias de ensino fundamentadas na perspectiva andragógica chegaram ao percentual de 100% de satisfação entre os aprendizes, com uma taxa de sucesso merecedora de repercussão entre os professores que atuam na EJA, elevando a expectativa em relação à continuidade das mudanças que perceberam na escola – resultante do processo formativo que permitiu avanços significativos e imediatos na prática.

Portanto, a Teoria Experiencial consentiu observar o processo de progressão dos professores e alunos colaboradores dessa pesquisa, além de evidenciar que “[...] o como e o que aprendemos determina a forma como processamos as possibilidades de cada nova experiência emergente, que por sua vez determina o leque de escolhas e decisões que vemos”(KOLB, 2014, p. 352, tradução nossa).

Os estudantes jovens e adultos foram além em suas considerações. Pitomba destaca que “antes era mais pura escrita, a gente escrevia mais, bastante”, refletindo prática em que: “[...] o ensino e a transmissão do conhecimento fazem sentido em um ambiente que não muda” (KNOWLES, 2009, p. 90). Validaram, ainda, que essa forma de abordagem dos conteúdos pelos professores contribui para maior integração, pois “o professor interage muito bem, a gente consegue lembrar tudo que estudou durante as aulas passadas. Eu gostei muito. É sempre bom os alunos terem aulas como essa” (Sapoti).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O retorno dos estudantes foi um momento singular, tendo em vista que seus relatos convergiram com os dos professores, onde ambos concordaram acerca da contribuição das estratégias de ensino apoiadas no modelo andragógico e na Teoria Experiencial de Kolb, como um diferencial para a (re)construção da prática pedagógica do professor de pessoas jovens e adultas.

Diante dessa realidade, deve-se considerar o professor, seu contexto de atuação e os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem como elementos norteadores para o alcance da qualidade do ensino ofertado na EJA.

Por esse motivo, roborar-se a necessidade formativa de aperfeiçoar a prática em relação ao trabalho docente na EJA, motivando os sujeitos envolvidos a buscar novos horizontes por meio dessa pesquisa, de modo que se possibilite a transformação do fazer docente.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2009.

CAPUCHO, V. **Educação de Jovens e Adultos: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2012.

DEAQUINO, C. T. E. **Como aprender: Andragogia e as habilidades de aprendizagem**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DESGAGNÉ, S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. Tradução: Adir Luiz Ferreira e Margarete Vale Sousa. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, mai./ago. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4443/3629>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. Disponível em: <http://portal.mda.gov.br/portal/saf/arquivos/view/ater/livros/Pedagogia_do_Oprimido.pdf>. Acesso em: 5 jul. 2007.

KEMMIS, S; WILKINSON, M. Participatory action research and the study of practice. In: KEMMIS, S.; WEEKS, P.; ATWEH, B. **Action research in practice: partnerships for social justice in education**. London; New York, 1998. Disponível em: <<https://ochadezas.files.wordpress.com/2012/02/action-research-in-practice.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2015.

KNOWLES, M. S. As raízes da Andragogia. In: KNOWLES, M. S.; III, E. F. H.; SWANSON, R. A. **Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

KOLB, D. **Experiential learning: experience as the source of learning and development**. FT Press, 2014.

MOURA, M. da G. C. **Educação de Jovens e Adultos: que educação é essa? Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, ano 12, n. 16, p. 51-64, jan./jun. 2007.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1 –Espiral: pesquisa-ação colaborativa/Ciclo Experiencial de Aprendizagem de Kolb



Fonte: elaborado pela autora, a partir de Desgagné (2007), Kemmis; Wilkinson, 1998, Kolb (2014)

Quadro 1 – Sentimentos demonstrados pelos estudantes

Nº/NPSEUD.	CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDANTES COLABORADORES
1 Jatobá	- A aula de hoje foi muito boa, diferente. Uma aula mais participativa. Procurando as frases na ordem, encontrando a resposta correta. Foi muito bom, emocionante com minhas colegas.
2 Sapoti	- No desenvolvimento da atividade ficou mais claro o que a gente já tinha estudado, mais na prática. Houve mais interação, todos participaram. Então, a forma de aprendizado através do jogo se torna uma aula bem distraída, divertida. O professor interage muito bem, a gente consegue lembrar de tudo que se estudou durante as aulas passadas. Eu gostei muito. É sempre bom os alunos terem aulas como essa. - Gostei, muito criativa, cada um desenvolveu, participou, aprendemos mais as palavras, cada pessoa deu seu exemplo, muito bom.
3 Carambola	- Gostei da aula, foi diferente porque foi mais detalhada, explicada, nós participamos mais. Antes era mais pura escrita, a gente escrevia mais, bastante. Aprendi a formar frases. É importante aprender e gosto muito. Gostei do jogo mesmo.
4 Pitomba	- Gostei, porque é bom. Parece dominó, eu gosto de jogar dominó. - Eu achei a aula diferente. Gostei. Ajudou a aprender as palavras.
5 Mangaba	
6 Tamarindo	

Fonte: organizado pelas autoras (2017).